



GIL VICENTE

Semanario monarchico-Integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 104

VISITAÇÃO
*Paradiz! siete arrepelones
Me pegaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VÁQUEIRO

Director — D. José Ferrão
Editor — M. A. d'Oliveira
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARÃES

UM ANO



Dr. D. José Ferrão de Tavares e Tavora

Presidente da Junta Municipal Integralista desta cidade e director do «Gil Vicente»

Ao comemorarmos o primeiro ano de luta na trincheira do resgate em prol de um Portugal-Maior, saudamos o nosso illustre Director, patenteando-lhe a nossa mais sincera homenagem de leais soldados.

A REDACÇÃO.

Na trincheira do Resgate

«Prosseguir num combate em que o amor patrio seja colocado acima das conveniências e interesses de partidos ou opiniões, é hoje tanto mais difícil quanto a enorme onda de materialismo que tudo tem corrompido e esfacelado.

«É necessário uma acção energica e intensa contra o rotativismo e preversão do momento presente. É necessário integrar a Nação nos seus principios e funções naturais. É preciso dar aos Municipios e ás corporações o seu devido valor, compreendidos a dentro dos seus principios do nosso reaportuguesamento e nunca como *satélites* ou filiais de centros politicos que nada valem nem nada fazem de bom e util para o país».

Assim proclamamos nós, quando, depois de uma longa suspensão, iniciamos o nosso combate nesta trincheira do

Resgate. Era este, como hoje é, o nosso grito de revolta contra a Democracia. Era e é este o pendão da Monarquia Nova que defendemos, livre de partidos e de Parlametos.

Eramos e somos integralistas, e, como tal, a verdadeira finalidade da nossa acção é a vitoria do nacionalismo sobre o liberalismo.

Essa vitoria seria produto inevitavel da construção integralista. Após ela, assegurada a vida nacional, a obra do Ressurgimento continuaria imperturbavel até ao seu termo definitivo e triunfal.

E com a plena adesão a todas as resoluções patrioticamente tomadas pela Junta Central do Integralismo Lusitano, na defeza dos principios eternos da Monarquia contra as arremetidas do liberalismo monarchico e republicano, ences-

tamos deliberadamente a campanha nacionalista na Nobre Cidade que foi berço de Portugal.

Larga e ousada foi, viva por vezes; mas o acto de fé, que constitue a nossa attitude, foi tão sincero e isento, que adivinhou, por dom natural a todos os actos de fé, a verdade na confusa desorientação que, então como hoje, minava fundo na sociedade portuguesa.

As circunstancias marcavam-nos irrevogavelmente o nosso dever. Cumprimo-lo sempre o melhor possivel. De resto alguma coisa se conseguiu; tudo quanto podia fazer um simples semanario da provincia, desprovido de meios e apenas animado pela fé viva e sincera que abrasava as nossas almas.

E se, durante o ano decorrido, alguns se perderam pelas veredas tortuosas do interesse material, deixando-se vender pelos *trinta dinheiros* da traição, mais nos encorajamos ainda a proseguir na luta enacetada dentro da beleza dos principios que orientam o INTEORALISMO LUSITANO.

E dentro desta maneira de ver continuaremos, até que chegue o dia em que volte a drapejar no nosso céu a bandeira azul e branca da Monarquia Portuguesa.

É pelo intimo estudo da sciencia politica, ao qual foram atraidas pelo desastre dos tempos, que as gerações novas foram levadas por intermedio do conhecimento do liberalismo, á consciencia da Monarquia. Por isso os seus intelectuais sabem melhor as ideias que os liberalistas deveriam ter, do que as sabem os proprios intelectuais liberalistas. A condução ao integralismo, daqueles que lhe são hostis, é simples e leal; nada mais pedimos, para isso, aos que se dizem liberais, do que aprendam o que é o liberalismo. Se o soubessem, não o seriam; estariam conosco, admirados de uma hostilidade, cuja insensatez ainda os envergonharia depois de passada.

Nefelibatismo, snobismo, futurismo, de que nos acusam os que nos ignoram, tudo isso é reduzido ao dever irrevogavel, adstricto á dignidade humana, de agir em rigorosa conformidade com o pensamento proprio.

Combatemos o erro e dizemos em linguagem chã em que consiste. Defendemos a verdade e em linguagem chã a descrevemos. Publicam-se manuais escritos para todas as inteligencias, resumidos para o tempo de que podem dispôr todas as culturas. E ninguém nos mostra um erro de visão, uma observação indemonstrada, um detalhe descuidado.

Por isso a nossa convicção é tão profunda como solida a nossa construção politica; agora que se demonstra haver terminado a desconfiança com que foram acolhidas as ideias novas — que afinal não são mais do que a sistematização, em principios solidos, da realidade criada e verificada em seculos largos.

Contra o vulcão do erro, em que desvairam sangue e latrocínio, grits e ruínas, catastrofes e trevas, se ergue no Mundo a luz da verdade, serena como o coração dos que a confessam, firme como os braços que a mantem ao alto, clara como a fé que a alimenta e nela deslumbra.

Afirmamos a Deus, e ao Seu Juizo submetemos a nossa consciencia, que busca o Bem por Ele definido; afirmamos a nossa imperfeição, e queremos garantias de facto contra o prejuizo dela derivado sobre o nosso semelhante; afirmamos a solidariedade cristã contra a selecção natural, como fonte de perene harmonia; construímos o estado, realizando praticamente a ideia, hoje meramente virtual, de Patria, pela organização integral da nacionalidade, conseguida pela intima comunhão das inludiveis realidades sociais presentes, com a individualidade nacional documentada na historia.

Assim nós não opomos ao Presidente o Rei, porque os regimens se não distinguem pelo seu Chefe de Estado mas pela sua estrutura social e espirito que a informa; mas opomos ao liberalismo, Real ou republicano, a Monarquia — a unica Monarquia, aquela em que é monarchico o Rei e monarchicos os subditos, organizada com instituições monarchicas, informada de alma monarchica; opomos a um Mundo vermelho, que se afunda na treva dos tempos entre maldições, um Mundo branco, cujo clarão se ergue no futuro entre bênçãos.

E não esqueçemos como é

relativamente suave o advento da Ordem Nova. Ela não dilacera os quadros sociaes naturaes como os dilacerou e esmagou o liberalismo, gerando assim esta torturante dôr de um seculo — mas liberta-os dos moldes insensatos que os deformam, ferem e revoltam. Os fundamentos dela persistem sob as ruínas democraticas como alicerces de Ciclopes; põ-los a nu, levantar as columnas derrubadas mas não destruidas, organizar o edificio nacional de que resta, nitida, a estrutura espiritual, é a obra simples, embora herculea, que as gerações integralistas deliberadamente resolveram cumprir, conquistadas pela verdade, pela beleza e pela força soberana do Mundo Novo.

Hoje, recordando este largo ano, certificamo-nos consoladoramente de havermos cumprido o nosso dever, servindo a Nação e a Monarquia, quanto em nossas forças coube.

Maior responsabilidade do que as suportadas nos impoz o destino: no seio da escura bruma que envolve de presagios a alma nacional, se ergue nas nossas mãos o triunfal pendão de uma nova esperança. Deus nos mantenha a fé com que o erguemos e mantemos ao alto, para que não percamos a virtude de merecer levá-lo — e assim se desfaçam as tempestades ante os passos hoje incertos da Patria e se inunde de luz gloriosa o futuro que, organizados no Integralismo, lhe preparam nobremente os moços de Portugal.

M.

PATRIA!

Louvados sejam os que, numa hora de revolta e amor; ousadamente se levantam e armam pela Patria!

Bemditos sejam os que, entre a alegria e a dôr, heroicamente cantam e se enfileiram pela Patria!

Glorificados sejam os que, entre o heroismo e a saudade, amorosamente abatem e choram, morrendo pela Patria!

Sobre o seu tumulto — lage de oiro que a ternura comum religiosamente envolve — descance e sonhe todo o coração capaz de saber lembrar o que ha passado, mas ainda um coração vivo á altura de saber esperar o que ha de vir!...

Tudo em louvôr, e bênção e glorificação de um só amor no mundo — o ideal e eterno amor — a Patria!

ALFREDO GUIMARÃES.

A CRISE FINAL DO LIBERALISMO

SAÚDANDO

Clamor de sangue moço

CAIU A MASCARA

O incidente burlesco da mensagem dos *monarquistas tradicionais* que ainda acreditavam possível a restauração duma monarquia verdadeiramente portuguesa com o senhor D. Manoel e seu lugar-tenente por effigie e cabeça, é decisivo para a Causa Monárquica e para o Liberalismo.

Tiveram nele os monarchicos tradicionalistas que obedecem ao exilado voluntario de Londres a prova real daquilo que nos ha mais de quatro anos estamos fardos de proclamar ao paiz: *D. Manoel é o Liberalismo*; os dirigentes do chamado partido monarchico são o *Constitucionalismo*. Com D. Manoel e com «eles» teremos a Monarquia de 1910 e só ella! Caiu-lhes a mascara enfim!

As illusões pueris dos tradicionalistas que se mantinham na causa dos velhos politicos da monarchia que caiu de pôdre nas mãos de Teixeira de Souza tiveram um desfecho condigno na resposta desabrida e irritante do sr. Ayres de Ornelas, Tiha de ser...

Tambem nós antes de nos libertarmos do jugo dos politicos tivemos de ouvir, vexados deante de tanta ignorancia e tanta má vontade o que nos foi dito nas celebres entrevistas de Londres.

Não quizeram acreditar-nos então aqueles que ora vieram a ter na sala da travessa das Mercês a mais desconsoladora decepção.

Ayres d'Ornelas lugar-tenente de D. Manoel falou pela boca do seu amo e senhor de quem ele é o mais fiel subdito (isso, justiça se lhe faça) e talvez, mesmo o unico inteiramente fiel. Se Ayres d'Ornelas, pois, respondeu como se sabe a mensagem dos recalcitrantes manuelistas é porque outra não podia ser a sua attitudão conhecendo como ele conhece o pensamento do seu Rei.

Evidentemente, porem, que a defeza dos principios e dos fins... liberalistas não implica necessariamente a incorrecção do tom em que foi dada a resposta do sr. Ayres d'Ornelas, mas isso é a parte particular, pessoal, do caso.

Ayres d'Ornelas, um nome illustre, por si e pela sua alta familia donde vem, tem sido em politica, quasi sempre a negação daquellas qualidades que fazem dum aristocrata um polarizador de sympathias e dedicações. Muito pelo contrario, o lugar-tenente de D. Manoel tem demonstrado uma tal falta de *savoir-faire*, uma tal falta de maleabilidade, de geito, que desorientam em quem, se não fóra a republica, tinha jus a ser considerado um *gentil-homem*...

Sem falar já das senas do ante-Monsanto que tem comigo a desculpa de se terem passado em *quartéis* a maneira como ele se houve nos variados lances do famoso «pacto de Paris» ainda ultimamente rememorado com o sr. Pinto Coelho é edificante.

É evidente que com um pouco mais de geito «eria s. ex.» aplaudido grandes difficuldades. É porem, feitiço seu. Ele o disse nas J. M. C. ha dias. — *Não tem qualidades para simpatico* — afirmou — *isso é para as meninas*. Como se fosse possível que a gente quizesse ver no lugar-tenente do sr. D. Manoel as graças e os encantos que tornam as damas simpaticas...

É, como fosse assim necessario que um estadista para não ser tomado como uma menina tenha que mostrar a toda a gente as

brutezas de que é capaz o nosso sexo...

A verdade, porem, é que mesmo assim o chamado partido monarchico não tem outro para por á frente dos seus destinos. Entre os velhos politicos ha fundas discordias que vêm ainda do tempo dos partidos constitucionais da Monarquia caída em 1910. Depois dessa antiga e doirada panoplia é hoje com muito raras excepções um depósito de ferramenta sucata. O partido monarchico está assim atravessando uma crise sem esperanza. Os melhores dirigentes, os unicos que o Rei acredita estão quasi todos fora de combate: deixaram de lêr, não conhecem o que vai pelo mundo actual das ideias e dos factos. Para eles, a monarchia de 1910 só não se podia restaurar como tal porque decoreram 13 anos a esta parte...

Por outro lado «os novos» ou tem ideias contrarias ás do Rei e são ferozmente odiados por S. M. e seus cortezaos, ou não tem nenhuma e são aquele rebanho innocente de Panurgio para quem o sr. Ayres d'Ornelas dizia na sua «ordem de serviço» da Travessa das Mercês em resposta ao «rebelde»: «Não quere mos a monarchia de 1910 ou de 1911 ou de 1912... quere mos a monarchia...» Qual? excelente senhor.

Não havendo pois maneira de meter gente nova naquele velho casebro da direcção do partido monarchico é pois mais do que certo de que tudo aquilo faliu, e, a restauração monarchica, *monarquica constitucional*, se entende, está como diz o sr. Cunha e Costa odiada *sine die*.

Tal é o sentido da crise actual do partido do sr. D. Manoel. O Liberalismo representado nos derradeiros constitucionalistas, resto dos antigos partidos monarchicos sentindo-se sufocado pela onda moderna do tradicionalismo organico pretende impor-se pela mesma forma e segundo o mesmo processo da republica democrata que para ai agonisa — pelo poder adquirido. No Liberalismo porem esse poder adquirido nem sequer tem a sanção da guarda republicana e da policia. É evidente que se não poderá manter.

A crise final do Liberalismo aproxima-se e com ella a desagregação do chamado partido monarchico. Um partido só se mantem unido pelo *interesse* como acontecesse com o partido Democratico ou pela afinidade de Ideais. Estando a Monarquia Constitucional adiada *sine die* é claro que o *interesse* não joga no sentido da união dos monarchicos. Sendo por outro lado manifesta a diversidade de ideias dos partidarios do sr. D. Manoel como se poderá evitar a crise? Será para eles bastante a pessoa do exilado de Londres? Será Elle a bandeira unica e suficiente? Não nos parece!

É, não nos parece, porque, em primeiro lugar, seria até deprimente um personalismo que de resto não tem, mesmo pela pessoa egoista e desprendida do Rei, razão alguma para existir e depois porque nós sabemos bem a opinião que os manuelistas tem de D. Manoel e que é admiravel...

A desagregação do chamado partido monarchico é pois fatal, pois que, quando mesmo se guardem as apparencias, não é possível mais aquella unidade moral integra e perfeita, duma causa politica formada de dois grupos de homens dum dos quais o chefe, o

No primeiro aniversario desta trincheira invencivel que é o «Gil Vicente», seja-me permitido tambem erguer a minha voz de aplauso á obra de ressurgimento nacional que a moderna geração se impoz e na qual o nosso semanario vem desempenhando um tão importante quanto honroso papel.

Neste desmanchar de feira que caracteriza o regimen de delapidação e fraudes que em 1910 tomou de assalto a Patria Portuguesa e que desde Monsanto refinou em suas proezas, consola vêr que é a mocidade portugueza— desde o academico ao operario— que mais se empenha pelo ressurgimento da Patria, e que dentro em pouco, ha-de fazer ressurgir um Portugal Maior, digno do passado glorioso que é o nosso orgulho, — o mesmo Portugal das caravelas e conquistas — o Portugal da Tradição. Avante, pois!

E que a pleiade do «Gil Vicente», tendo á sua frente a figura de fidalgo a contrastar com a modestia de caracter que é D. José Ferrão, não esmoreça na grande obra a realizar.

Escorraçados os vendilhões do templo e desfraldada ao vento o pendão da Cruz de Cristo, teremos cumprido o nosso dever de portuguezes e conquistado para as gerações futuras o seu melhor patrimonio.

LUIZ FARIA.

Ao completar mais um aniversario de publicação eu saudo o «Gil Vicente», pois que, baseado nos seus principios do Sindicalismo Monarquico, trabalha para o ressurgimento de Portugal combatendo as quadrilhas democraticas.

AVELINO A. DANTAS.

sr. Ayres d'Ornelas, afirmou **só não os julgar traidores por os supor inconscientes!**

*

As consequencias desta crise final do Liberalismo vieram assim completar toda a razão que nos assiste a nós Integralismo Lusitano mantendo-nos na attitudão que depois do malograda Pacto de Paris tomamos! Em nossas mãos está a bandeira da Monarquia Portuguesa abandonada pelos constitucionalistas em Monsanto e escarneada por eles em Paris nesse Maio maldito.

Sómos nós os depositarios da unica verdade politica que pode salvar o paiz.

Conservemos essa bandeira bem alta e essa verdade bem viva para que todos os portuguezes a vejam nesta hora sombria de incerteza, para que todos os portuguezes aprendam o seu dever nesta hora decisiva.

O resgate não vem longe!

ROLÃO PRETO.

No descampado das cumeadas de Monsanto há um monte de pedras que serviu de travesseiro do ultimo sono a um heroe que lá morreu. Lavaram quatro invernos frigidamente, o pedregal desconhecido e os rastos do sangue abalaram para o mar, á procura da companhia dos heroes portuguezes de outros naufragios. Num pequeno nicho natural, porem entre quatro pedras, cinco gotas de sangue escaparam e se conservam como as cinco quinas do escudo. Piedosamente beijei a pedra e dei-me no chão, imitando a posição do meu querido irmão de armas, quando tombado, uma bala na fronte, todo se esvaía na palidez da morte. E então sonhei acordado e o meu espirito ouviu a voz do Sangue e a voz da Terra no seguinte dialogo.

A Pedra: Mil graças para todo o sempre, ó sangue moço que me batisaste que me puzeste o sinal nobre de Cristo!

Na minha frieza eterna eu sinto ainda o beijo do teu calor, ó sangue que animava de certo uma chama do teu.

O sangue: Minha irmã Pedra, no teu regaço eu gosto de dormir o ultimo sono.

Foi o amor de ti que a ti me trouxe!...

A Pedra: Senhor Deus Creator! Sangue vermelho porque me chamas irmã? Porque me falas em amor, tu príncipe nobre da côr, do calor, do movimento, tão intimamente ligado á chama divina que tem o nome de alma, a mim escrava humilima nas castas do universo, negra e dura e informe e inerte e fria, a que só mantem na festa do mundo a resignação humilde do seu destino.

O Sangue: Que importa a tua humildade, se o meu amor vê em ti uma nobreza? Que importa a nossa desigualdade se tivemos origem comum? Que valem as nossas diferenças se a nossa separação apenas serve para marcar a unidade do desenho divino que nos creou?

A pedra: não entendo a tua bella linguagem, irmão Sangue!

O Sangue: Que a memoria te ajude a intelligencia! lembra-te do teu nascimento, na alvorada do mundo. Nessa manhã radiosa de todas as coisas, que encontraste tu á entrada do mundo do ser?

A Pedra: O proprio Deus eterno falando uma Palavra inefavel num deslumbramento infinitamente luminoso e quente do Espirito... E as palavras dessa Palavra iam-se tornando realidades grandiosas e delicadas. E eu nasci tambem porque Deus teve caridade da forma do meu ser ainda quando ele era sómente *possivel!* Louvado seja o Deus creator, ó meu irmão sangue!

O Sangue: para todo o sempre o seja!

Mas vêes agora o nosso intimo parentesco em Deus-criador? Pois se eu venho do barro como não seremos irmãos? E para o barro vou, como não te terei amor? E sabe que somos muito nobres, é muito grande a minha nobreza e a minha nobreza te dá nobreza: o sangue do homem já foi sangue de um Deus, e esse Sangue forma um rio que correrá até ao fim do mundo!

A Pedra: Eu sei, que eu toda tremi, não de medo mas de amor, no dia em que este rio brutou; marcou-lhe a nascente uma cruz enorme, da forma da pequenina cruz das tuas cinco gotas: e esse rio queima suavemente e restitue ao mundo o mesmo Espirito que luzia na madrugada da criação. Ah! Santa agua como o sangue é amigo da Pedra, como os seres nobres de criação são amigos das

Por José Pequito Rebelo

coisas humildes, como o sangue, generosamente, abandona os ferreiros do Espirito para salvar as fraquezas da humana materialidade. Eu te amo, pois, irmão eu te amo no sangue divino de Cristo.

O Sangue: E' essa a lei de Deus, a terrivel lei de Deus que só não vence quem se deixa por ele vencer: lei de amor e de luz!

A Pedra: mas diz-me mais, irmão sangue, tu que tão sabio és e tão finas e fundas coisas aprendeste no serviço do teu nobilissimo senhor-o espirito do homem: o sangue é só um, ou há muitos sangues, como há muitas pedras?

Porque deves sabê-lo tu que és tão sabio, eu na minha humildade não me confundo com as outras pedras e sou fiel á determinação da individualidade que Deus me doou na sua Creação; terei em Deus eternamente o orgulho e a humildade do meu pobre ser que Deus distinguiu.

O Sangue: Tambem eu sou um sangue diferente dos outros sangues, a todos amo em Deus, mas de todos me distingo por Deus.

A Pedra: E o belo amor de que me falas, é para mim só, ou para todas as pedras?

O Sangue: Belo amor, mas amor de creatura, tem de restringir-se a um pequeno lar com redobrado carinho. Esse belo amor é para ti só e a tua pergunta confessa que para mim, só é toda a tua fidelidade.

A Pedra: Qual é pois o teu nome, para que seja o meu, para odo o sempre?

O Sangue: Se nobre sou, como vassallo servi um senhor mais nobre que me deu o nome: um alto espirito de heroe. *Portuguez* se chamava

A Pedra: Sangue portuguez, és tu, pedra portugueza quere rei ser sempre.

O Sangue: Ouve então a proclamação da minha nobreza, 8 seculos de Raça. Vi o sol glorioso de mil combates. Misturei-me no mar de mil naufragios. Penei no labor de mil arroteias. Santifiquei-me na fogueira de mil martires-

Mudei-me no pão caridoso, no ferro util ou terrivel, no canto lirico ou belicoso, na purissima oração a Deus, no esplendor de uma nobre vida social.

E agora moro aqui, neste altar da natureza em frente do mar, na presença do sol, porque á presença d' sol me trouxe aqui pela ultima vez: um heroe portuguez.

A Pedra: Belas são as tuas palavras e são mais belas sempre... Não sacio a minha sede da tua voz!

O Sangue: Caído no teu seio amigo, ó Terra de Portugal, eu afirmo o direito da minha antiga fecundidade. Comigo desceu á terra a semente perduravel da alma que servi. E o espirito faz arder a terra em alta chama. Pura chama de espirito. Heroismo sem cobardia, Inteligencia sem Loucura, Prudencia sem Inercia, Variedade com Unidade, *Victoria em vez de derrota!* não aceito a derrota, não aceito o veneno que quiz matar o sangue, não aceito a illusão, o Erro que quizeram matar o Espirito, senhor do Sangue. *Victoria. Victoria. Victoria!* Este o canto nupcial que auspicia a futura fecundidade da humilde pedra da Santa Terra portugueza! Humilde Pedra com amor por Deus e sobre ti, edificarei o novo Portugal. Livre seja o espirito pelo sacrificio e pela victoria do sangue que fecunda a Terra-Mãe!

A Pedra: E' belo o sangue portuguez! O sangue deve regar a terra... A tua serve eu sou!



De Bocage!

Já Bocage não sou!... A' cova escura
Meu estro vai parar desfeito em vento...
Eu aos Ceus ullrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa!... Tivera algum merecimento,
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som fantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me crêste, gente impia
Rasga meus versos, crê na Eternidade!

Aos Irmãos d'armas
do "Gil Vicente,"

Saúdação dum humilde
soldado da mesma
Cruzada de Fé

Obra de louvor, grande de
esforço e de persistencia de
animo, tem sido a vossa, na
avançada da lucta sem treguas,
em defeza da Nação!

A mesma provincia nos fi-
lhou, e embora distanciado de
vós neste posto de trincheira
à beira-Douro, no agro dos
combates intensos, no foco
deleteria da cidade, meus olhos
e alma de minhoto, saudoso
das leiras e serras ajardinadas
da nossa terra, teem seguido,
com orgulho, a linha ascen-
cional dos vossos vãos.

E saudando-vos, louvando
e incitando com entusiasmo a
vossa firmeza de valentes, eu
não me admiro nem espanto
dela!

E' que eu sei, eu conheço a
devoção e o desinteresse que
a todos nos move, na defen-
são da nossa Ideia. Porque é
preciso professar a Fé religio-
sa dos nossos principios, co-
mungar o pão espiritual da
nossa filosofia politica, para
que a intelligencia, iluminada,
rasgando a espessa escuridão
do presente, possa entrever a
Verdade, que encoraja e for-
talece, preparando-nos para o
sacrificio, como nos longes
remotos do Cristianismo, aos
escravos de Roma, fazia sor-
rir para a Morte, junto do pe-
lourinho...

E é ainda por essa mesma
Verdade eterna, que nós, os
rapazes de hoje, os que rece-
bemos por herança os desvai-
ros duma geração que falhou,
nos fazemos pregoeiros duma
Era Nova, rompendo á estaca-
da, em vez de lanças, com as
nossas penas.

E' o sópro forte dessa Ver-
dade, ateando o fogo do pen-
samento, que hoje incendeia
de Fé, num delirio de restau-
ração nacional, a mocidade

Mutilados
da Guerra

De um grupo de mutilados
da grande guerra recebemos
a carta seguinte:

Ex.^{mas} Senhores
Deputados e Senadores da
Nação Portuguesa!

Os Mutilados da Grande
Guerra na França, na Africa,
no Mar, ao abrigo da alinea a)
do artigo 6.º da lei n.º 1.170
de 21 de Maio de 1921; ou-
trosim actualmente ao abrigo
das leis, n.ºs 1464, e 1467,
respectivamente de 16 a 18
de Agosto proximo passado,
veem por este meio mui res-
peitosamente, junto de V. Ex.^{as}
protestar contra o facto de al-
guns individuos servindo-se
do nome de Mutilados de Guer-
ra para por esse meio conse-
guirem que fossem apresenta-
dos dois projectos de lei na
Camara dos Senhores Deputa-
dos, de que V. Ex.^{as} mui dig-
namente fazem parte; a cujos
individuos elas irão beneficiar-
muitissimos, dos quais, talvez
nem á Guerra fossem, ou zo-

inteligente de Portugal, de
ponta a ponta.

E bendita esta Fé! Louva-
da seja por todos nós, de
mãos postas, — Fé tamanha
que revive, que vencerá, que
ha de libertar do cativoiro
dum regimen de estranha ori-
gem, o corpo vivo e quente
duma Patria, que deu ao mun-
do ensinamentos de santida-
de e heroismo, que embalou
nos braços das suas gaveas,
ussombrosas figuras de Epo-
peia, estatuas de sombra, tão
altas, que vindas das entra-
nhas do Mar, alongam-se no
Espaço, tamgem o Ceu, jun-
to da estrela fatidica de Alca-
cer...

Porto, 1924.

HORACIO CASTRO GUIMARÃES

na por ela compreendida—de-
desejam os mesmos gosar tan-
to, (não mais porque não lhes
será concedido) como os Mu-
tilados; quando é certo que al-
guns não sahiram fora do nos-
so torrão querido de Portu-
gal.

Acham justo, os Mutilados
que este memorial representa,
que os seus ex-colegas comba-
tentes da Grande Guerra, se-
jam beneficiados aqueles que
se inutilizaram, quer por fer-
imentos recabidos em combate
ou por desastres; (acidentes de
campanha), porque se lá não
fossem, não teriam sofrido inu-
tilisamentos corporais; e que
diga-se talvez a verdade, al-
guns de bastante justiça e que
até á presente data pouco fo-
ram beneficiados; mas que
provem com os documentos
precisos qual a proveniencia
dos seus ferimentos, para po-
derem dizer, como disseram
na sua reunião, que realisaram
no Teatro Gil Vicente, que
teem tanto direito como os
abrangidos pelas leis que acima
fica narrado a terem todas as
regalias; e que querem uma
medalha como a dos Mutila-
dos, criada pela lei n.º 1.467!
Que teem o mesmo direito;...
Não o contestam os signata-
rios deste protesto, podem ter
até muito mais... Mas que
aprentem provas, porque caso
contrario...

Ha muitos que a todo o
transe querem passar por Mu-
tilados, será com razão, será
sem ela e não terão o direito
a tal consideração?! Não com-
pete aos Mutilados de Guerra
fazer tal analyse.

Talvez fosse justo a esses
individuos, lhes applicasse uma
lei que só aos mesmo abran-
gesse, mas sempre separada-
mente dos Mutilados de Guer-
ra; pois caso contrario seram
confundidos os Mutilados; o
que deverá ser uma honra cha-
mar-se assim; com outros, re-
formados antes da Grande
Guerra e que por qualquer
circunstancia foram colocados
ao abrigo da lei n.º 1.170,

Caso sejam aprovados es-
ses projectos de lei apresen-
tados pelos ilustres Deputados
Snr. Diniz da Fonseca e Aga-
tão Lança, será criada uma tal
quantidade de Mutilados!!!...

Deixará de haver Mutilados
da Grande Guerra, pois os
signatarios envergonhar-se-
ão de serem confundidos com
outros, etc, etc.

Deixando ao alto critério e
patriotismo de V. Ex.^{as} teem
a honra de serem, com a ma-
xima consideração e respeito,

Lisboa, Janeiro de 1924.

Um Grupo de Mutilados da
Grande Guerra.

Perigo de Vida

Os efeitos de uma insta-
lação aerea

Devido á grande falta de
espaço com que lutamos no
nosso ultimo numero, não nos
foi possivel fazer referencia ao
desastre ocorrido no Tournal
num poste da alta tensão, que

ocasionou a morte de um ho-
mem empregado na fabrica
de electricidade desta cidade.

Nesta terra, em que o virus
politico se inocou em quasi
toda a gente, não ha protesto
algum contra qualquer acto ou
facto ocorrido que não seja
levado á conta de campanha
politica. Assim, quando se
protestou contra a instalação
aérea dos cabos de alta tensão
atravessando a nossa cidade
e pondo em serio risco os ha-
bitantes, logo esse protesto
foi levado á conta de manobra
politica por todos os homens
da luz barata, como se esse
protesto fosse contra a luz ou
contra o concessionario. Não.
Protestou-se e protesta-se con-
tra a forma como a instala-
ção foi feita. O concessiona-
rio só aproveitou a boa maré
para lançar a rêde... electri-
ca, e, por isso, não pode nem
deve sêr censurado.

Censurados devem sêr to-
dos aqueles que cruzaram os
braços e deixaram manobrar
á vontadinha. Esses, só esses
são os principais culpados dos
desastres ocorridos, sendo o
3.º o do Tournal.

Mas nem assim esta gente
acorda, senão quando lhe cair
o raio em casa. Depois sim, é
que veem as lamurias, os pro-
testos... e a cevada

E assim vai ficando uma ci-
dade inteira á mercê de tudo
quanto se lembrem de fazer
com risco da propria vida
de toda uma população.

Perigo de Vida! Perigo de
Vida!

E por toda a parte se nos
deparam essas ameaças de
morte.

Protestamos! Urge que a
instalação se faça, sim, mas
com o menor risco possivel.
Deixemo-nos de compadrios
ou de favoritismos politicos.

Defendamos as nossas vi-
das.

Dr. Francisco Veloso

Para Benguela, partiu ha dias
este nosso presado camarada e
amigo, distinto orador e jornal-
ista que á Causa da Igreja pres-
tou sempre o seu concurso valio-
so e desinteressado.

O dr. Francisco Veloso é um
elemento de valor e um incansa-
vel lutador pelo bem de Portu-
gal, tendo, por varias vezes, dis-
pensado ao nosso semanario a
honra da sua colaboração muito
apreciada por toaos os nossos
leitores.

Desejando-lhe muito boa via-
gem, pedimos a Deus para que o
nosso presado amigo encontre no
Ultramar as felicidades que me-
recem o seu talento e intelligencia.

AMADEU DE VASCONGELOS
(MARIOTTE)

Restabelecido do abalo que so-
freu a sua saude, partiu para
Paris o nosso querido amigo
e imminente publicista sr. Pa-
dre Amadeu de Vasconcelos (Ma-
riotte).

Saudando-o e desejando-lhe
boa viagem, damos aos nossos
leitores a grata noticia de que
"Os Meus Cadernos" que tanto
interesse despertaram, recomeça-
rão a sua publicação regular a
partir do dia 1 do proximo fe-
vereiro.

Conego José Maria Gomes

Associamo-nos muito sincera-
mente á homenagem prestada pe-
la Camara a este saudoso profes-
sor e grande amigo de Guima-
rães.

A Camara resolvendo dar o
nome deste grande professor ao
largo do Liceu prestou uma ho-
menagem justissima, pois o Co-
nego José Maria Gomes foi uma
individualidade de grande desta-
que no nosso meio, a ele se de-
vendo a passagem do nosso
Liceu Central.

S. Sebastião

Decorreu deslambante a festi-
vidade religiosa realisada na
igreja de S. Damaso ao martir
S. Sebastião.

O sermão confiado a um ta-
lentoso orador constituiu uma
bem burilada peça oratoria.

A igreja estava artisticamente
adornada.

Devido ao mau tempo não se
realizou a procissão.

IMPRENSA

"O REALISTA"

Iniciou a sua publicação
nos Arcos de Val-de-Vez um
novo semanario monarchico
de que é director o sr. dr. Al-
berto Barreiros.

Cumprimentando-o novo co-
lega, desejamos-lhe longa vi-
da e as maiores prosperida-
des.

"O NOTICIOSO,"

Suspendeu a sua publicação
este nosso presado colega,
tambem dos Arcos de Val-de-
Vez.

"SERVIÇO D'EI-REI,"

Recebemos o numero 2
desta revista, colaborada pe-
los srs. Conde de Aurora, Lu-
iz de Magalhães, Cesar d'O-
liveira e Antonio Marques do
Cunha.

"ECOS DE GUIMARÃES,"

Completo mais um ano de
publicação este nosso presado
colega local, a quem, por tal
motivo, endereçamos as nossas
felicitações muito sinceras.

Ler, Escrever e Contar bem, são as
habilitações minimas que deve ter, se quer empre-
gar-se em Lisboa ou Porto.

Para se aperfeiçoar, escreva hoje mesmo aos **Cur-
sos de Educação Comercial** por corres-
pondencia da Revista **«A Publicidade Mo-
derna»**, 3, Travessa do Alferim, LISBOA.

**ESTABELECIMENTO DE MODAS,
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelucias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.
Tecidos para forros em seda e algodão.
Espartilhos da fabrica SANTOS MATTOS.

Salgado - Guimarães

Casa High-Liff

Modas e Miudezas. Chapéus para
senhora e criança

TOURAL

GUIMARÃES

A TENTADORA

BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L. DA

Fazendas brancas, Modas e miudezas
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

DEPOSITO DE C. L. CIMENTO, TINTAS, VERNIZES
E ARTIGOS CONCERNENTES
PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

Amandio Teixeira de Carvalho

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos
Ex.^{mos} Snrs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços
de Emigração, trata de todos os documentos necessarios para obter
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-
ÇA, AFRICA e HESPAÑA e mais nações da America e da
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietario desta casa procurará todos os meios para
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-
sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procurem e peçam informações á ULTRAMARINA e
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

CARTILHA MONARQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

LEIAM

A NAÇÃO PORTUGUESA

:: REVISTA MENSAL DE ::
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

Modas e Confeções

JOÃO RIBEIRO

ALFAITE

Rua 31 de Janeiro, 152

GUIMARÃES

CARPINTARIA VIMARANENSE

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

Gil Vicente

Preço da assinatura
(Pagamento adiantado)

PORTUGAL

Ano	75500 reis
Espanha	95500 »
Africa	105500 »
Brazil	125500 »
N.º numero avulso	2150 »

Preço das publicações
(Pagamento adiantado)

Anuncios e comunicados, linha	200 reis
Repetições, por linha	150 »
Permanentes, contrato convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	20000 »
Anunciam-se as publicações que o mere-	
çam, mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assi-	
stantes, so por cepto de abatimento.	

Gil Vicente

ANO V N.º 174

2.ª Série N.º 51

Revista Sem.